

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — DIRECTOR ARTÍSTICO: Francisco Teixeira

Assinatura para Portugal, colónias e Hespanha | Assinatura conjunta do Seculo, do Suplemento Humorístico do Seculo e da Illustração Portuguesa

ANNO.....	48000	PORTUGAL, COLÓNIAS E HESPAÑA	ANNO.....	18000	Trimestre.....	25000
Semestre.....	28100		Semestre.....	48000	Mez (em Lisboa).....	700
Trimestre.....	18300					

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — Rua Formosa

EDITOR — José Joubert Chaves



CLICHÉ DE BESOUËRE.

Summario

A MORTE PELO FOGO, 28 illust.—DE S. BENTO PARA O TERREIRO DO PAÇO, 8 illust.—AS ESCOLAS DE LISBOA FECHADAS, 4 illust.—O GRANDE EXILADO, 19 illust.—HELLAS ARTES, 6 illust.—O ALMIRANTE RUI TER EM PORTUGAL, 3 illust.—DIZE-ME POR ONDE ANDAS... 10 illust.—O CARNAVAL EM LOURENÇO MARQUES, 8 illust.—A GRÉVE NAS ESCOLAS, 46 illust.—FIGURAS E FACTOS, 8 illust.—**Capa**: UMA TRICANA DE COIMBRA.

Comprem as

Sedas Suíças

Peçam as amostras das
nossas sedas, novidades de
primavera e de verão para
vestidos e blusas!

Echizen, tafetás de luto,
Loulaine para de dia, Musselin
120 cm. de largura desde fr. 1,50
o metro, em preto, branco, lilás e
platinia, assim como blusas e
vestidos em batista bordado.
Vendem-se as nossas sedas em
caixas sólidas directamente aos par-
ticulares e franco de porte ao do-
miétille.

Schweizer & C.^a
LUGERNE Z. 19 (SUIÇA)
Exportação de sedas

Relógio de bolso de bolso de bolso



RELOGIO VULCAIN
HORA EXACTA

Relógio em Caxos de Paris

O passado, presente e futuro revelado pela mais colorida
chirromante e physionomista da Europa, Madame Broullard



Da consultas diárias das 9 da manhã as 11 da noite,
em seu gabinete, 43, rua de Carmo, sobrela.
Consultas a \$5000, 2\$500 e 5\$000 réis.

PRINCIA NOUVEAU PARFUM VIOLET

29, Bd des Italiens, PARIS

Piolet SABÃO REAL DE THRIDACE

PARIS Sabão "Violetto"

Remede, pelas ordens do Hygiene da Polia e Alturas de Polia

UNION MARITIME E MANNHEIM

Companhia de seguros postas, marítimos e de transporte
de qualquer natureza

A Companhia La Union y el Fenix Español, rua da Prata, 59, 1.º, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusive o seguro denominado POPULAR em o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa:

LIMA MAYER & C.^a

RUA DA PRATA, 59, 1.º - Lisboa

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida
na Exposição Agricola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS

SEDATIVO BEIRÃO

ANTI-DYSMENORRHEIC

É o mais adequado e soberano medicamento para todos os sofrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrea). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dores reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; nauseas, vomitos, diarrheas, abate a elevação do ventre, por accumulação de gases, a turgidez das veias das pernas e das hemorrhoidarias que muito complicam as menstruações irregulares. O **Sedativo Beirão** actua com especialidade sobre o utero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funções e é muito eficaz na atonia dos ovarios e na emulsião ou fraqueza do utero. É indispensavel na amenorrhéa accidenta, ou suspensão súbita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. O **Sedativo Beirão** contém propriedades tónicas, astringentes e antisepticas, muito eficazes para debellar o fluxo branco-cruento vaginal (leucorrhéa).

O **Sedativo Beirão** é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tónica as fibras musculares, ou estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes, diminua a pressão sanguínea, e o equilibrio de circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e outras molestias que souveem pela cessação final dos menstros n'esta mudança da vida da mulher. O **Sedativo Beirão** nao é contra indicado nas molestias uterinas e aos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

Depositos autorisados: Em Portugal: Pharmacia Liberal—Avenida da Liberdade, 167, Lisboa—Pharmacia do Padrão—Rua Formosa, 10, Porto.—Inglaterra e colonias: Mr J Wiman,—Export Druggist, 58 e 59, Bunhill Row London, E. C.

Preço do flacon: huit francs, franco pour tous les pays de l'Union postale, contre mandat de poste adressé a Marciano Beirão, Avenida da Liberdade, 167—Lisbonne.



O principio e seguimento d'aquelles regras mensaes foi sempre annuciado e acompanhado de perturbações que constatao para mim nas verdadeiras metyris e muitas vezes perdidas e sentidas. Foi n'uma d'estas occasões que o meu medico accionista, o ex.º sr. dr. Arantes Pereira, me prescreveu o Sedativo Beirão anti-dysmenorrhéic, e depois de alguns minutos se não houve a esperar.

Tenho repetido o uso d'este agradável remedio, uma semana em cada mez, e não me verdadeiramente surpresa que as regras apparecem agora regularmente e sem dores.

Nem nos remedios caseiros nem dos pharros e las panas conseguí nos aliviar.

Porto, rua de S. Lazaro, 126, em 30 de Novembro de 1901—Euzilia Xavier Fernandes.

(Segue o rescripto medico d'italiano A. Borges d'Avellar,

Instructions pour l'usage du portugal, en espagnol, en français, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hébreu.

Agente em Paris: — Camille Lipman, 26, Rue Vignon

F. MORTE DE LO POGO!

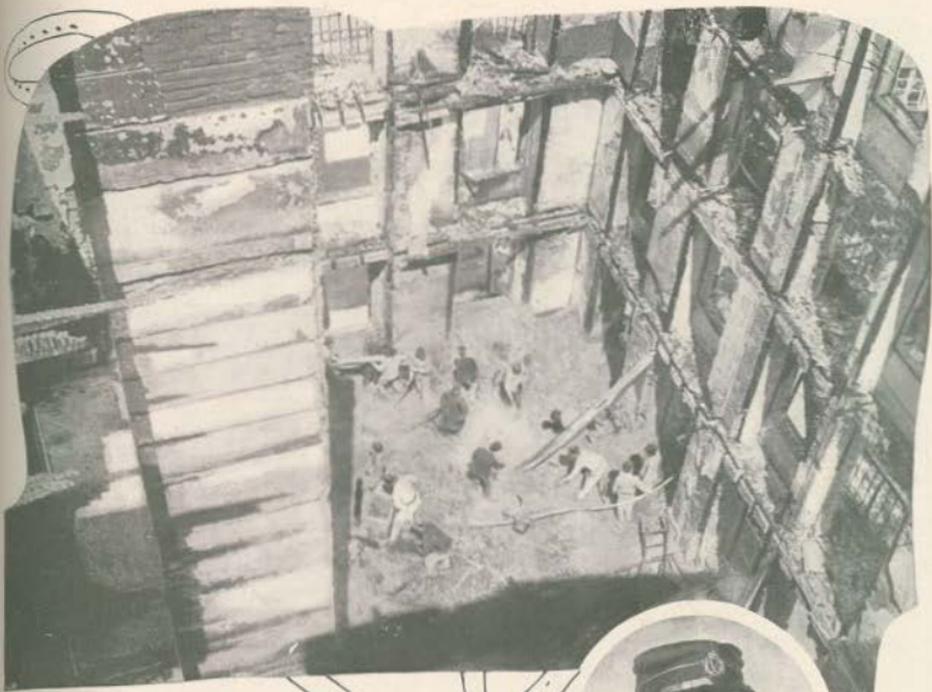
O GRANDE INCENDIO DA RUA DA MAGDALENA



A municipal contendo a multidão na rua da Magdalena—José Faustino da Silva, bombeiro n.º 218—Durante o rescaldo
 —A maca dos Voluntarios da Ajuda—Ignácio Antonio Manuel,
 bombeiro n.º 142—José d'Oliveira, bombeiro n.º 61—Uma bomba a vapor no Largo de Santa Justa



João Antonio, bombeiro n.º 172—As escadas Magyus arvoradas—Francisco Simões Carla, bombeiro n.º 47—António José, bombeiro n.º —D. Maria Emilia d'Almeida Cardoso, que salvou tres creanças—O bombeiro voluntario Julio Canongia —A ambulancia dos Voluntarios da Ajuda—Guarda n.º 1308 da 5.ª—Alfredo Rocha—Alfredo dos Santos, bombeiro n.º 124



Trabalhando no rescaldo (photographia tirada de um 6.º andar)—Atacando o incendio pela rua da Magalhães
— Capitão Craveiro Lopes—Antonio Alves—Luiz Caetano de Carvalho—Um descanso
(Phots. de Valerio dos Santos)



«Memento homo quia pulvis es et in pulvis reverteris»

TAMBÉM Lisboa teve a sua hora triste de celebridade, com o incendio tragico e pavoroso da rua da Magdalena. N'essa fornalha ardente e cyclopica crepitaram as carnes das victimas com a mesma furia e a mesma raiva devastadora com que outras teem sido devoradas pelo demonio gigantesco do Fogo. O Bazar de Caridade e a Comédie Française, em Paris, são

os dois terriveis pontos de referencia para a comparação d'esta catastrophe nacional, que arripou o paiz inteiro, n'um fremito de terror e de piedade. No momento angustioso da morte, as carnes fidalgas onde o sangue azul das veias punha laivos dos marmores de Carrara teem o mesmo valor que as carnes plebeias d'essas pobres creaturas que o incendio d'outro dia destroçou e precipitou nas suas cinzas fumegantes, egualando-as todas no mesmo estado e no mesmo pavoroso *victus* da agonia.

O estertor foi o mesmo, e a elle corresponde o grito identico de horror e compaixão. T'assado a hora do espanto, entrado o coração na normal tranquillidade do seu funcionamento, principia a suspirar-se a culpa e trata-se de remediar a deficiência, — se a houve. A piedade tributou á victima a manifestação de umas exequias solemnes; a caridade, essa entra em campo soccorrendo os sobreviventes que ficaram na miseria.



Os representantes da Familia Real nas exequias: srs. D. Vasco da Camara (Belmonte); conde de Bertiandos; condes das Alcaçovas e capitão Senna—As missas nas capellas lateraes—Aspecto da igreja de S. Domingos durante as exequias

(Clichés de Benoit).

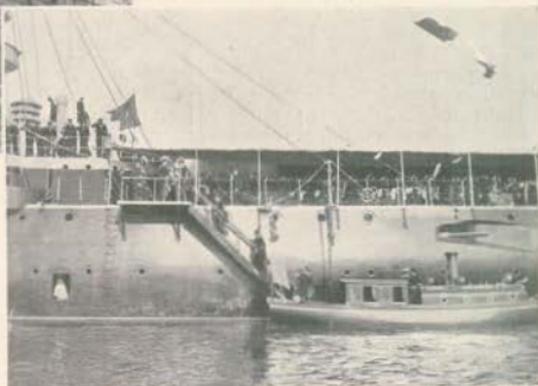
FIGURAS E FACTOS

Certo é, porém, que a visita de Eduardo VII a Afonso XIII não pode deixar de attribuir-se interesse immediato para a situação da politica internacional. E' ella uma prova evidente do estreitamento das relações convencionadas entre os dois paizes, e que como se vê, continua a manter-se.

Depois de todos os esforços empenhados para isolar a Inglaterra, que um momento pareceram definitivamente triumphantes, ella conseguiu, pelo contrario, firmar-se em al-



O rei de Hespanha saindo de bordo do yacht *Victoria and Albert*



Os reis de Inglaterra saindo do yacht *Giralda* (Clichés de Goni, Madrid)

O recente encontro do soberano inglez com o rei de Hespanha, em Cartagena, tem sido glosado pela diplomacia em todos os tons, e tem inspirado aos jornaes que conservam mais directas relações com as chancellarias os artigos habituaes em que por fórma lareira, se discutem as condições de maior ou menor estabilidade do equilibrio europeu. Já se sabe que é esse o prato obrigado, por occasião de qualquer visita de um chefe de Estado a outro, e tambem já se sabe quanta imaginativa collabora sempre nos commentarios e previsões d'esses artigos.

lianças valiosas, que constituem actualmente, sem duvida, o melhor fiador da paz do mundo.



CARLOS MALHEIRO DIAS. — O director da *Illustração Portuguesa* e illustre escriptor Carlos Malheiro

Dias vai a esta hora em viagem para o Rio de Janeiro, onde o seu nome tem de ha muito a consagração da mais alta intellectualidade brasileira. O emittente romanista, que é uma das figuras literarias mais proeminentes de Portugal, vai fazer o apostolado da nossa revista, a que o seu talento brilhantissimo deu um largo impulso e collocou no mesmo plano dos melhores *magazines* estrangeiros.

Não podia a *Illustração Portuguesa* ter junto do

povo irmão mais fidalgo embaixador e mais interessado e activo propugnador. Esta

certeza compensa de algum modo a saudade que em todos nós deixou a ausencia temporaria de Carlos Malheiro Dias, cujo lugar insubstituivel nós nunca poderemos preencher n'este espaço de tempo em que o Brazil nol-o rouba á nossa camaradagem.

A *Illustração Portuguesa*, desejando ao



seu querido e eminente director, uma viagem feliz, faz votos para o vêr de novo restituído ao seu convívio.



DE S. BENTO PARA O TERREIRO DO PAÇO.

ção do carro governamental passou para o Terreiro do Paço. A Arcada volta a apossar-se triunphantemente dos seus direitos dictatoriaes. Calisto Eloy de Silos e Benevides de Bar-

CONTA-SE que estando Victor Hugo moribundo se apresentou á porta de sua casa o *reporter* de um jornal parisiense, pedindo para o vêr. Lockroy, genro do grande poeta, achou o momento pouco azado para uma visita indiscreta.

—Victor Hugo está á morte, não pôde receber ninguém.

O jornalista abespinnou-se; e, puxando de um cartão de visita, apresentou-o ao ex-ministro da marinha, dizendo com emphase:

—Sou redactor do jornal X...

—Acredito, meu caro senhor, retorquiu Lockroy; mas n'este momento só a familia de Victor Hugo pôde entrar no seu quarto.

O *reporter* teve uma phrase genial, que ficou historica:



Os srs. Francisco José Machado, Eduardo Coelho e Luciano Monteiro, pares do reino

—Senhor, a agonia de Victor Hugo não pertence á sua familia:—pertence á historia, isto é, á humanidade!

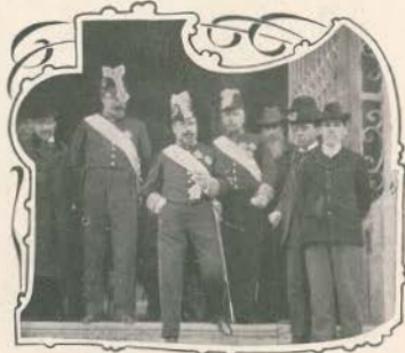
Applicando *el cuento*, o presidente do conselho de ministros não pertence, agora, á rua da Emenda nem a Carnide. S. ex.^a pertence a Portugal;—e todos nós temos o direito de o acompanhar n'esta sortida brusca de S. Bento para o ministerio do reino. N'este momento toda a actividade politica se desloca. Do palacio das côrtes, onde a eloquencia, que é, na opinião de Augier, «a arte de fallar incorrectamente para não dizer nada», se manifestou n'um periodo de seis mezes e tanto com uma exuberancia tão meridional e tão improductiva, a direc-

buda, não podendo, nos tempos de prosa que vão correndo, encontrar, na figura ideal de uma Iphigenia, o arrebatador das suas azas de anjo para o sonho, regressa ao seio amigo e farto da sua succulenta

O sr. João Franco saindo de S. Bento no dia do encerramento das Côrtes com o deputado Adriano Monteiro

—Lisboa
fica livre de deputados e abre o seu coração amigo aos pretendentes.

A tribuna parlamentar onde o sr. João Franco se amarrou corajosamente, como S. Sebastião, martyr, durante mais de meio anno, sentindo cravar-se-lhe nas carnes as setas dos adversarios, perdeu todo o caracter gladiador das grandes pugnas oratorias para ficar na historia do parlamentarismo portuguez como um *stock* de palavras sem sentido, que os continuos, ao varrer da feira, atirarão descuidadamente para o cesto dos papeis velhos. Em França, quando Paulo



Os srs. ministros da fazenda, das obras publicas e da justiça saindo do palacio das Côrtes

Déroulède accusava vigorosamente, na camara dos deputados, Clémenceau, o actual presidente do conselho, que se constituira em tyranno dos adversarios, as bancadas e as galerias gelavam de pavor. Dir-se-hia o espectáculo de um combate de feras. Todos os peitos se comprimiam de angustia quando o inflammado poeta de combate deixou a tribuna e que Clémenceau se levantou no seu logar, com uma impassibilidade de marmore, para dizer na sua voz mais calma: «O sr. Paulo Déroulède mentiu!» O ou-



«Quer o meu amigo alguma coisa para as Caldas?»
(O sr. commissario Teixeira e o deputado Luiz Gama)

tro replicou simplesmente: «Muito bem!» E fez um gesto que significava a solução do conflicto n'outro campo.

Agora, e em Portugal, quando o sr. Hintze Ribeiro verbera d'esta forma o sr. João Franco, discutindo a questão da academia:—V. ex.* não é um presidente do conselho, é um commissario de policia!—o ministro promete responder ao digno par...



O presidente da camara dos pares saindo do parlamento



Dois pares do reino:—Os srs. Pessoa de Amorim e marquez de Pombal

no dia seguinte. E' uma simplificação de processos que não deslustra nenhum dos contendores e denuncia apenas o modo de ser do nosso parlamentarismo, n'esta baixa temperatura da politica portugueza.

Está, portanto, o sr. João Franco reinstallado no seu gabinete do ministerio do reino, livre de empecilhos, para poder á vontade envergar o seu roupão



«Para a rua dos Navegantes!»—(Os srs. conde de Agueda e dr. Moreira Junior, deputados concentrados)

(Clichés de Benoit!)

de Jupiter caseiro. Não lhe queremos mal por isso; e só o que sentimos é que s. ex.* não tenha sequer a felicidade de poder sorrir, embora artificialmente, quando as circumstancias o exigiam.

A rainha de Inglaterra, quando era ainda princeza de Galles, estava n'um *garden-party* de Malborough-House quando viu que das janellas de um club de *Fall Mall* um photographo assestava sobre o regio grupo a implacavel objectiva.

—Ah! fomos surprehendidos! disse Alexandra.

Mas emendou *in-continenti*:

—Eu, não! Estou sempre preparada. Fui photographada com o meu eterno sorriso.

O presidente do conselho nunca está preparada com o seu eterno sorriso: porque o que elle tem de mais eterno é a sua terrivel catadura permanente, que lhe dá a physionomia de um Mephistopheles que tivesse credores á perna.

As escolas de Lisboa fechadas — Teimando na grève

A grève dos estudantes tinha um caracter especial e seu, que a diferenciava fundamentalmente das grèves operarias. Os trabalhadores ao cabo de uma semana ou duas sem trabalhar vêm-se, em regra, forçados a transigir pela necessidade fatal de ganharem o pão quotidiano. Com os estudantes nada d'isso succedia:—o pão quotidiano, e mesmo o respectivo conducto, estavam assegurados na mesa familiar, e por esse lado não haveria a receiar que a grève fraquejasse.

Mas, ocorre tambem que, se nem sempre é viavel o en-



O professor Ventura Faria Azevedo conversando com o novo reitor Fontoura da Costa

cerramento de uma fabrica, que traz consigo importantes prejuizos industriaes, o caso muda radicalmente de figura com as escolas. Pelo menos, assim o pensou o governo, mandando fechar as portas a quasi todas as escolas superiores, só deixando abertos em Lisboa e Porto os lyceus.

Com este expediente, além de outros intuitos, previu-se a conveniencia resultante de fazer dispersar os rapazes. Parece, comtudo, que a Escola Medica toma a palavra, e se propõe teimar por manter o fogo sagrado do movimento.



No pateo da Escola Medica commentando os acontecimentos — Depois de uma aula no lyceu de S. Domingos — Uma reunião de estudantes da Escola Medica, para manter a mesma attitudo de solidariedade

O GRANDE EXILADO



A *Illustração Portuguesa*, sabendo que o grande poeta brasileiro Mario de Artagnão, n'este momento residindo no Mont'Estoril, estava escrevendo um drama sobre Pedro II, ultimo imperador do Brazil, e uma das figuras mais dõcemente illuminadas pelo sol justiciero da Historia, entrevistou o eminente escriptor, que é uma das glorias mais legitimas do seu paiz, sobre a *intenção* da sua peça. E' o *completo* rendu d'essa inolvidavel e encantadora tarde passada em casa do Poeta que a *Illustração Portuguesa* tem o prazer de offerecer aos seus leitores * * * * *

... E, como se já nos conhecessemos de muito longe, como se as nossas duas almas andassem viajando ha muitos cyclos pelas estradas douradas da phantasia, este Poeta que é o homem mais requintado e fidalgo que eu tenho encontrado nas minhas peregrinações jornalisticas, abre-me as portas de diamante do seu coração com a mesma bizarra gentileza com que me abre as portas de sua casa. Mostra-me, com a mesma singeleza augusta, o seu lar e a sua alma, os seus filhos

e as suas obras, — a flor ardente e palpitante do seu sangue, a flor escandeadada e rubra do seu poderoso e luminoso cerebro. Tento fixar a sua figura varonil e elegante, o seu olhar profundo e irrequieto, os seus labios que vibram de emoção, toda a mobilidade da sua physionomia illuminada de genio; e apesar de bem cravar n'elle os meus olhos, de procurar trazer comigo estas linhas de uma nobreza tão evidente, eu não posso defini-l-o physicamente porque todo elle é Bondade, todo elle é Alma, todo elle parece ascender, n'um halo de victoria e de triumpho, aos espaços inacessiveis onde os poetas costumam ir conversar com Deus.

Sentados na sala de trabalho, tendo diante de nós, por entre a rama verde das arvores do jardim, uma nesga de mar azul que nos transporta em pensamentos a esse Brazil encantado que Mario de Artagnão me faz sentir através do seu entusiasmo carinhoso, do seu temperamento artistico, da sua fé e do seu amor, eu ouço o Poeta traçar, com um gesto largo e effusivo, sem rebusca de phrases e de expressões, apenas com a voz melancolica e saudosa do seu coração, o plano da sua grande obra: — a figura serena e pacifica d'esse imperador letrado, confiando muito nos homens, não conhecendo a maldade, incapaz de comprehender uma perfidia e uma ingratidão, um grito de revolta n'uma onda de sangue. E' uma tragedia cheia de amargura epica, com todas as silhuetas imperialistas vincadas fundo como uma aguarforte, sombras que se levantam do Passado, de uma transparencia ideal, placidas e justiceiras, através de quinze annos de historia e já sufficientemente arreduadas do nosso convivio e da nossa admiração para que sobre ellas possa incidir a luz clara e limpida da critica.

Mario de Artagnão pôz em toda a obra entre mãos o fulgor do seu sonho e a convicção dos seus ideaes. Ha versos no seu drama que retinem como espadas nuas brilhando ao sol dos tropicos; versos que são rosarios de angustias, crystallisações de lagrimas, soluços; versos que são como um gesto de Deus, perdoando e abençoando; versos que lembram symphonias de anjos ou que bramem, impetuosos e indomitos, n'uma cavalgada cyclonesca de desforra e de triumpho vingador. Toda a grande epopeia imperialista, desde o agonisar do seu poente rãxo e magoado de saudade até á vida errante do exilio, passando pela velha Europa a serenidade olympica do seu infortunio e encontrando o seu descalçoce amargurado em dois quartos de hotel, teve na eminente intellectualidade do grande poeta brasileiro a mais exacta e apaixonada interpretação. Para es-



O poeta Mario de Artagnão na sua bibliotheca

... E, como se já nos conhecessemos de muito longe, como se as nossas duas almas andassem viajando ha muitos cyclos pelas estradas douradas da phantasia, este Poeta que é o homem mais requintado e fidalgo que eu tenho encontrado nas minhas peregrinações jornalisticas, abre-me as portas de diamante do seu coração com a mesma bizarra gentileza com que me abre as portas de sua casa. Mostra-me, com a mesma singeleza augusta, o seu lar e a sua alma, os seus filhos e as suas obras, — a flor ardente e palpitante do seu sangue, a flor escandeadada e rubra do seu poderoso e luminoso cerebro. Tento fixar a sua figura varonil e elegante, o seu olhar profundo e irrequieto, os seus labios que vibram de emoção, toda a mobilidade da sua physionomia illuminada de genio; e apesar de bem cravar n'elle os meus olhos, de procurar trazer comigo estas linhas de uma nobreza tão evidente, eu não posso defini-l-o physicamente porque todo elle é Bondade, todo elle é Alma, todo elle parece ascender, n'um halo de victoria e de triumpho, aos espaços inacessiveis onde os poetas costumam ir conversar com Deus.

Sentados na sala de trabalho, tendo diante de nós, por entre a rama verde das arvores do jardim, uma nesga de mar azul que nos transporta em pensamentos a esse Brazil encantado que Mario de Artagnão me faz sentir através do seu entusiasmo carinhoso, do seu temperamento artistico, da sua fé e do seu amor, eu ouço o Poeta traçar, com um gesto largo e effusivo, sem rebusca de phrases e de expressões, apenas com a voz melancolica e saudosa do seu coração,

crever com um
vôo tão ras-
gado, com uma

de ninguém,
sem um apoio
moral, dentro

amplitude tão intensa e uma commoção tão vibrante, é preciso ter vivido e ter soffrido, a toda a hora, a todos os minutos, a vida dos personagens da sua gigantesca obra; é preciso tel-os conhecido bem de perto e com elles ter conjugado, com o espirito e com o coração, com uma fé ardente e apostolica, essa suavissima harmonia de um reinado crystalino de paz, e mais tarde a tremenda agonia de um abandono sacudido, de um travor ainda mais amargo por se ter cumprido sem sangue, quasi n'um silencio pavoroso de ironia.

Mas quem é este homem, esta alma, este coração e este cerebro que, com toda a pujança da sua luz ideal concebeu a vastidão de



Mario de Artagão, atirador

da sua esfera intellectual, apenas. Tendo cursado, desde os 11 annos, o collegio de Campolide, fez no lyceu de Lisboa todos os exames secundarios, passando depois a frequentar na Allemanha um curso superior, que durou cinco annos. D'ali foi para Inglaterra, onde se demorou um anno; e como seu pae, o opulento commerciante portuguez Antonio da Costa Correia Leite quizesse completar praticamente a educação do seu espirito, permittiu-lhe que fizesse uma longa viagem pelos principaes paizes da Europa.

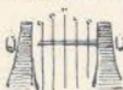
Tinha Mario de Artagão 20 annos quando regressou ao Brazil, cheio de idias a que a sua travessia atravez das civilisações não tinha feito senão tomar mais



um poema que attinge a culminancia] grega de uma tragedia? Mario rio de Artagão, poeta e jornalista

ta de combate, fez-se só por si, sem o auxilio pecuniario

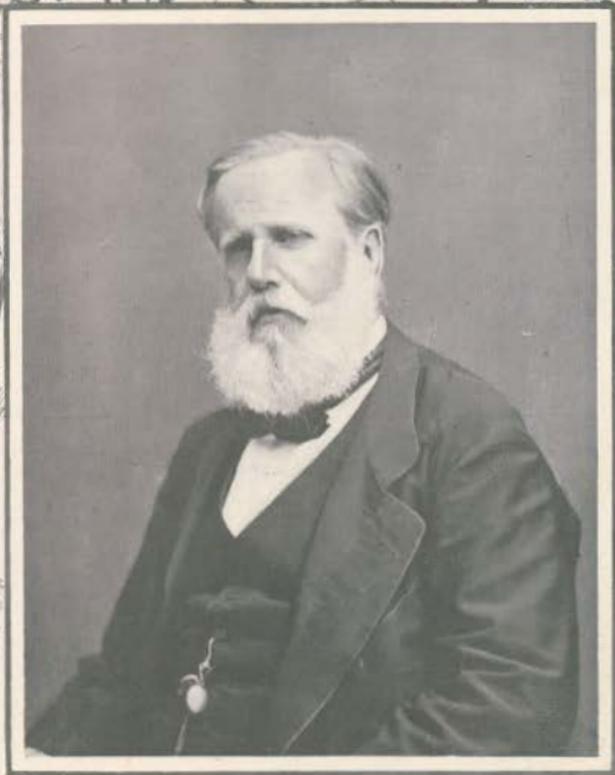
O poeta Mario de Artagão com sua esposa, cunhada e filhos



grado da inspiração. Mas seu pae não o entendia

vôo. Era um poeta de raça que sentia crepitar dentro de si o fogo sa- Mas seu





Os fallecidos imperadores do Brazil

assim. Homem de uma inflexibilidade austerissima, tinha imaginado para o filho a vida commercial, pautada e regrada dentro das velhas formulas, sem ambitos nem horisontes. Os livros que o moço e ainda incipiente poeta teria de compulsar tinham os nomes prosaicos de *Diario* e *Razão*. Era o aniquilamento de um cerebro, quasi o desabar de uma religião espirital. O escriptor teve de antepôr ao respeito devido a seu pae o seu amor pela litteratura. Nem o nome de familia lhe foi permitido usar. Adoptou outro; e foi com esse que começou a apparecer no mundo litterario, firmando versos cheios de lyrismo, artigos rubros de combate.

Foi dura a luta; mas o seu
 blia para o portu-
 guez, obra que

grande talento, à sua tenacidade e a sua perseverança cedo o impuzeram á critica como um dos espiritos mais cultos e uma das almas brazileiras mais carinhosas e mais ousadas que o fecun-

foi obrigado a interromper para cuidar, com seus irmãos, dos interesses da familia, representados por um grande inventario dos bens que lhe deixára o seu opulento progenitor.

A fortuna, porém, não lhe acalmou o espirito combativo e irrequieto: quem, como Mario



O poeta com seus tres filhos no jardim



O poeta dandy



Os tres filhos do poeta

do sol tropical tem aquecido. Dir-te-hia que os primeiros annos da sua meninice, passados despreocupadamente entre a imponencia descalvada das serras de Taguary e o silencio austro e suggestivo dos areas e dos pampas rio-grandenses, — a terra dos mais preclaros heroes da historia do Brazil, — tinha n'elle a personificação mais requintadamente artistica e mais luminosamente patriótica que o seio uberrimo d'aquella encantada região jámais gerou.

Simultaneamente jornalista, orador, politico, poeta e professor, Mario de Artagão, á data do fallecimento de seu pae, — que foi para elle uma das maiores dôres da sua vida — occupava a cathedra de oratoria, poetica e litteratura na academia que a igreja episcopal da America do Norte subvenciona no Brazil. N'essa mesma epoca, collaborava, em dez idiomas, com o dr. William Brown, reitor d'essa academia, na traducção da Bi-



O poeta Mario de Artagão

de Artagão, tem feito da poesia a mais alta significação espirital do seu modo de ser litterario, não podia pôr de parte essa aspiração da sua alma, que já se manifestava aos doze annos n'uma ecloga e aos dezenove com o seu primeiro livro *As Infernaes*, que a critica acolheu alvoroçadamente. Para contrariar a tendencia que lhe emprestavam de introductor da escola satanica no Brazil, publicou em seguida o *Psalterio*, que, na opinião auctorizada de Thomaz Ribeiro, ficou sendo um grande poema na litteratura americana e, no dizer de Alberto Pimentel, «fora escripto a ponta de brilhante em laminas de ouros».

Tres annos depois, lançava o poeta á publicidade a *Musica Sacra*, livro inspirado na dôr pela perda, a curto intervallo, de dois filhinhos queridos: — Mario de Artagão considera esta a sua melhor obra.

Para complemento de tão extraordinarias





A família imperial brasileira—D. Pedro II; a imperatriz, os condes de Eu e seus filhos, o príncipe D. Pedro de Saxe-Coburgo, neto do imperador e filho da princesa Leopoldina

faculdades faltava a sua revelação como dramaturgo; esse ensajo apresentou-se-lhe de sur-

preza. Uma actriz italiana de grande nomeada, Zaira Tiozzo, andava excursionando pelo Rio Grande do Sul. mezes depois de extinta a revolução que durante tres annos ensanguentára toda a parte meridional do Brazil. Mas como o lucto fóra geral e grande a miseria, a empresa theatral de Zaira Tiozzo via o theatro vazio todas as noites. Uma bella manhã, a actriz apresentou-se em casa do poeta. Os seus artistas passavam privações e fome. Porque não os acolheria elle sob a sua alta protecção, escrevendo um drama em que ella seria a protagonista? A proposta seduziu Mario de Artagão que, tres semanas depois, concluiu a *Janina*, em 3 actos, a qual, sob a directa fiscalisação do auctor, foi vertida para o italiano e representada oito vezes seguidas, produzindo uma receita liquida de doze contos de réis, moeda brazileira.

O grande poeta ainda hoje tem uma commovida recordação d'esse trabalho:

— Não será a minha melhor obra litteraria, mas é, com certeza, a minha melhor obra de caridade.

A extrema gentileza de Mario de Artagão permite-me ler com um encanto, crescente de scena para scena, essa *Janina*, que tem uma alta intensidade dramatica e parece escripta por um profundo conhecedor do segredo da carpinteria theatral. A personagem principal, que se illumina de um vivo clarão de ternura e de bondade, está tocada por mão de mestre; e todos os episodios do drama, todas as figuras que se movem dentro do quadro pungente d'essa tragedia domestica, tem um grande e singularissimo relevo.

Na entrevista que a *Illustração Portuguesa* lhe solicitou e que Mario de Artagão bizarramente concedeu, o eminente poeta obstinou-se em guardar o mais profundo silencio sobre a politica da sua terra.

— Estou fóra do meu paiz e não quero preocupar-me com as facções que o governam. Longe da Patria não tenho politica. Sou brazileiro, e, n'esta qualidade, só vejo o Brazil engrandecido pelo

meu affecto.

Não houve meio de lhe arrancar mais palavra. Sabemos, porém, que Mario de Artagão foi e é um monarchico de arreigadas convicções, imperialista intransigente, e que poderia ter ascendido ás melhores posições da republica se houvesse querido transigir com as suas crenças. A republica encontrou sempre n'elle um opposicionista tenaz, mas leal, recebendo por isso as maiores provas de deferencia dos proprios adversarios. A lucta que por vezes teve de sustentar foi vigorosa, vendo-se forçado, no momento mais agudo da revolução de Saldanha da Gama, a procurar refugio sob a bandeira da Inglaterra, em cujo consulado esteve muitos mezes e onde foi tratado fidalgamente até ao fim da sublevação.

Mario de Artagão, que é hoje considerado pela critica do seu paiz, com Arthur de Azevedo á frente, um dos maiores poetas brazileiros, foi sempre uma figura eminente no jornalismo de combate. Ao lado de Carlos de Laet firmou, tres dias depois da queda do Imperio, o primeiro da serie de artigos vehementes verberando a revolução de 15 de novembro. São muitos os jornaes em que collaborou; mas exerceu mais assignaladamente a sua actividade mental nos jornaes *Actualidade* e *Echo do Sul*, ambos na cidade do Rio Grande, e dos quaes foi redactor chefe.

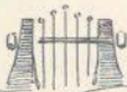
Agora, todo o seu sonho vibra na realisação d'esse extraordinario drama epico em que é protagonista D. Pedro II, imperador do Brazil, escripto em refulgentes e commovidos versos alexandrinos. Do seu valor poderão julgar os leitores da *Illustração Portuguesa* pelos dois excerptos do 1.º acto que a gentileza do illustre poeta nos permite oferecer-lhes.

Demoro-me em casa de Mario de Artagão a tarde inteira, ouvindo com deleite o grande poeta que tem o poder fascinador de conquistar de assalto todos os que se lhe approximam, e que me dá, da sua vida intima o mais fulgurante quadro de felicidade, e da sua vida litteraria o mais alto e valiosissimo testemunho, affirmado por um sem numero de criticas as suas obras.

JOSÉ SARMENTO.



Os tres amores do Poeta



O GRANDE EXILADO

ACTO I

SCENA I

O IMPERADOR. *ao Marquez de Tamandaré*

Já de pé?!

MARQUEZ

Quanto mais meu dia longo fôr,
Tanto mais poderei servir-vos, meu Senhor!

O IMPERADOR

Final . . . madrugar n'um roubo se resume.

MARQUEZ

Roubo á morte é perdão!

O IMPERADOR

Mas que perdão:—é perfume!

Sentae-vos.

MARQUEZ *(sentando-se)*

Com licença.

O IMPERADOR

A paz d'estas mandãs
E' feita para dar mais seiva ás nossas cans.
Dizei-me:—Não achaes que nós, madrugadores,
Temos o parentesco idílico das flores?

MARQUEZ

Fanadas, meu Senhor!

O IMPERADOR

Viçosas, meu marquez!
Uma cabeça branca, ao bom sol d'este mez,
E' como um lirio ideal . . .

MARQUEZ

A baloiçar n'um vime.

O IMPERADOR

Triste desillusão!

MARQUEZ

Bem sei... é quasi um crime!
Mas a minha alegria, em vez de floresjar,
Morreu no mesmo dia em que deixei o mar. . .

O IMPERADOR

Amres n'essa idade!

MARQUEZ

Amor á tempestade
E á gloria de servir a Voessa Magestade!
O mar . . . o grand: mar! . . . Meu velho bergantim
Enfurnado a vez . . . triumphal como um clarim!
Abrir as portas d'alma ás fulvas alvoradas;
Sondar na calma azul das noites constelladas!
Ser grande como out'ora o eram nossos avós . . .
Fazer como elles. Dôr n'uma casca de noz
Com mil quintaes de fé . . . e a noz sem ir ao fundo!
Dôr a bordo um canhão, e nos pés calcar o mundo!
Sim! Era essa a verdade. A histôria é quem o diz.
Geometras do Ideal, iam marcando a giz
O mappa-mundi errado. Bouve muito almirante,
Propbetico e febril, que fez n'um curio instante
O que Deus fez n'um dia:— encobrir o mar de luz!
E um gesto só bastava:—o do signal da cruz . . .
Mas pompas festivas dos feitos sobrehumanos,
Se os quizessem vencer os Cesares romanos,
Biem de mil leões, teriam de engatar
Nos carros de triumpho, o sol, o mundo e o mar!
E foi d'um povo assim, d'uma alma assim guerreira,
Que se plasmou, n'um beijo, a alma brasileira!

O IMPERADOR

Sois marujo, marquez! Fallaes como um heroe!

MARQUEZ

Que não morreu no mar . . . E' isto o que mais dôe! . . .

SCENA II

O IMPERADOR

A guerra,

Como De Maistre o quer, dá mais estrume á terra . . .
Com Leonidas é nobre,—e grande com Bayard!
Quando rugo, é de pé . . . não ha que duvidar.
Sei que Cesar avança, e a alma treme aos velhos;
Sei que Annibal recua, e o mundo cae de joelhos;
Ha tambem guerra santa:—a dos nossos avós;
Mas sem querer ferir-nos . . . e aqui entre nós . . .

MARQUEZ

Não nos ouve ninguém . . .

O IMPERADOR

Talvez seja beresia . . .

MARQUEZ

Dizei-o, meu Senhor!

O IMPERADOR

Não sei . . . mas preferia
Ver um lirio encravar a bocca d'um canhão . . .
Para mim um Charcot vale bem Napoleão!

MARQUEZ

Sois um santo, Senhor!

O IMPERADOR

Com um grave peccado.

MARQUEZ

Venial . . .

O IMPERADOR

Não! Mortal! Não ser um bom soldado,
E' um peccado máo para um imperador . . .
Um ninho o seduz mais que um rufo de tambor!
Não gostaes de me ouvir . . .

MARQUEZ

E' que eu vos creio a custo . . .
Sois tão nobre e tão bom, tão leal e tão justo!

O IMPERADOR

Não fallo como um rei . . .

MARQUEZ

Mas fallaes como um pae . . .

O IMPERADOR

Que vos pede perdão!

MARQUEZ

Por quam sois! . . .

O IMPERADOR

Perdoae!

Nasci cedo de mais. De certo melhor fôra
Que vivesses mais tarde est'alma soffredora . . .
Ver poetas a tossir em catres de hospitaes,
E creanças com fome em meio dos trigaeis!
Quanto sangue a ensopear os codigos modernos!
Quanta febre a escaldar! Quanta dôr nos invernos!
O mundo! Elle abi vac atrás d'um Ideal,
Como quem acompanha, a pé, um funeral . . .
E' a marcha de sempre, a marcha dos escumbros,
Com a raiva no labio e uma cruz sobre os hombros!
Amac! disse Jesus. E por morrer de amor,
O flanco se lhe abriu, como um cactus em flor . . .
Amac! rugiu Marat. E foi com este grito
Que a guibotina abriu os braços no infinito!
O o povo, libertado, inda hoje estende a mão
A pedir-nos mais luz e a pedir-nos mais pão . . .

MARQUEZ

Muito deve soffrer quem soffre a dôr albeia . . .

O IMPERADOR

Ai, muito, meu marquez! Bem se faz d'isso ideia!

MARQUEZ

Percebo tudo agora . . . Essa frente a nevar . . .

O IMPERADOR

Não é neve!

MARQUEZ

Não é?! . . .

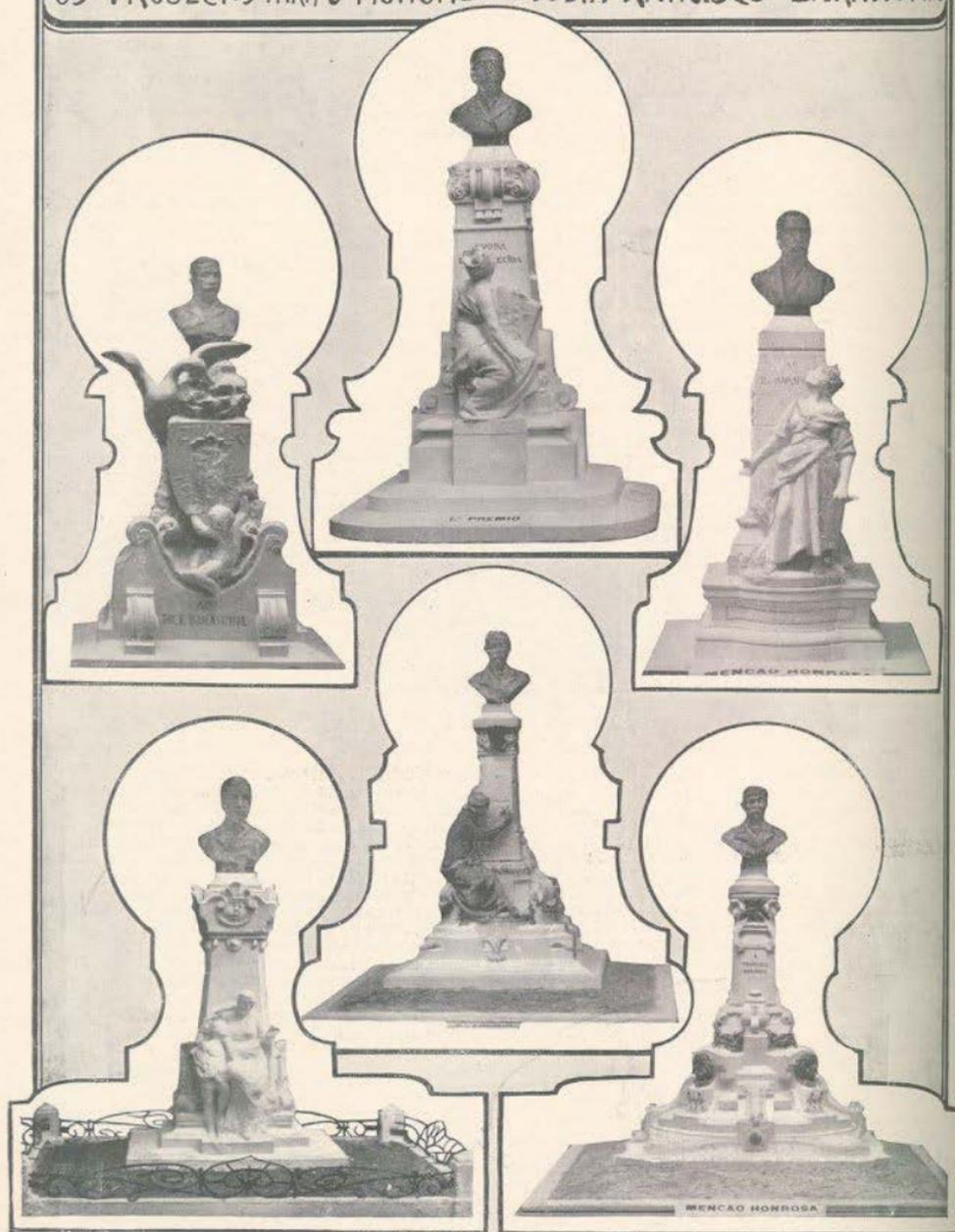
O IMPERADOR

Não é neve . . . é luar!

MARIO DE ARTAGÃO.

BELLAS ARTES

OS PROJECTOS PARA O MONUMENTO DO DR. FRANCISCO BARAHONA



Menções honrosas

1.º premio: Simões d'Almeida (sobrinho)—2.º premio
Costa Motta (sobrinho)

Menções honrosas

O ALMIRANTE RUITER E PORTUGAL



Seria omissão injusta não recordar que a Hollanda forneceu n'essa occasião a Portugal, além do apoio da sua armada (Ms. da Bibliotheca Real da Ajuda, 51. VIII. 2, f. 500), algumas companhias de soldados, e deve deprehender-se da taxa pouco elevada do seu soldo que esses voluntarios combateram mais pela gloria do que pelo dinheiro.

Depois de ter voltado durante algum tempo a servir como capitão na marinha mercante, Ruitter retomou o seu posto na armada hollandesa.

Não nos cumpre recordar aqui todas as suas numerosas e admiraveis campanhas; mas o que não podemos deixar no esquecimento é que, no decurso d'ellas, o illustre marinheiro voltou a Portugal, d'esta vez na qualidade de inimigo.

Durante o reinado dos Filippes os hollandezes appoderaram-se de muitas colonias e estabeleceram-se principalmente em diversos portos do Brazil, como é sabido. As negociações para nos serem restituídas essas colonias deram origem a um litigio que durou bastante tempo. Em 1657 a Hollanda quiz liquidar a questão, aproveitando-se para isso da disponibilidade occasional da sua esquadra.

Embora Portugal e os Paizes-Baixos estivessem oficialmente em estado de paz, Ruitter foi mandado, em setembro d'aquelle anno, cruzar nas vizinhanças de Lisboa, dizendo as suas instrucções que, «para facilitar as negociações diplomaticas», devia apressar alguns ricos navios. Apressamo-nos a explicar que os costumes da epoca auctorisavam estes processos.

Em 25 de setembro embarcaram dois embaixadores hollandezes. Depois de terem correctamente apresentado á regente D. Luíza os testemunhos da condolencia dos Paizes-Baixos pela morte de D. João IV, entregaram um ultimatum. O gabinete de Lisboa tentou usar de meios dilatorios, mas sem nenhum resultado, porque os embaixadores persistiram em reclamar o reconhecimento, no prazo de 14 dias, dos direitos da Hollanda sobre a ilha de S. Thomé e sobre diversos portos brazileiros e africanos. Forçado d'este feito a uma resposta positiva, o ministro Vieira da Silva acabou por dar uma negativa

Quando Portugal acclamou D. João IV, em 1640, a França, a Suecia, todos os inimigos da Hespanha se apressaram a soccorrer-nos. O tratado assignado em 12 de junho de 1641 com os Paizes-Baixos assegurou-nos (artigo 27) o concurso de uma esquadra hollandesa. Ruitter, então capitão da marinha mercante, foi nomeado contra-almirante, e veio, em setembro d'aquelle anno, fundear na bahia de Cascaes.

Os navios hollandezes não puderam juntar-se á esquadra combinada franco-portuguesa, e por isso cruzaram isoladamente no nosso littoral. Em 3 de novembro de 1641 atacaram uma esquadra hespanhola, que encontraram proximo do Cabo de S. Vicente, e conseguiram derrotal-a, soffrendo, contudo, avarias importantes. Nesse combate Ruitter mostrou-se, de uma admiravel valentia.

Os hollandezes demoraram-se ainda algumas semanas no Tejo antes de regressar ao seu paiz (8 de janeiro de 1642). D. João IV deu a Ruitter e a outros 10 officiaes neerlandezes uma cadeia de ouro no valor de 250 libras e uma medalha, que apresentava de um lado a effigie real com a data de 1641 e do outro uma phenix e a divisa: *Vici mea fata superstes*.



nos termos mais categoricos. E desde logo o governo portuguez fez publicar um manifesto destinado a esclarecer a opinião publica. Dizemos a «opinião publica» porque convém recordar que D. João IV.—fundador do primeiro jornal de Lisboa,—e os reis que lhe succederam immediatamente empenharam habilmente o maior cuidado em fazer uma publicidade intelligente em favor de Portugal, inundando literalmente a Europa de brochuras e pamphletos. D'esse manifesto, que constitue uma raridade bibliographica, fez-se igualmente uma edição para o estrangeiro. D'esta, impressa em 4.º, sem indicação do lugar, e de que existe um exemplar na Bibliotheca Real da Ajuda (55. III 30, n.º 16) reproduzimos a primeira pagina em photographura.

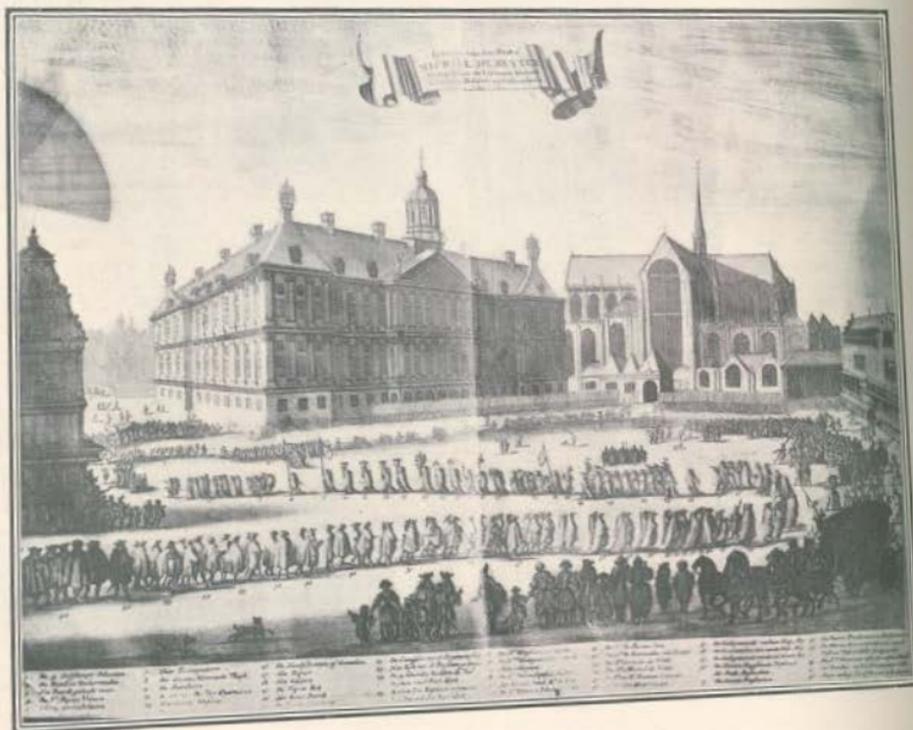
Voltemos, porém, ao conflicto de 1657.

O blocus officioso de Ruyter tornou-se official. O commercio encontrou-se, por esse motivo, suspenso no Tejo; mas o almirante hol-



landez julgou prudente não forçar a barra. Uma esquadra neerlandeza foi cruzar no littoral do Algarve, e imaginou-se até que Ruyter pretendia apoderar-se de um dos seus portos, de Lagos talvez. A defeza da nossa provincia meridional foi, portanto, organizada rapidamente, e, como se fizesse quasi tudo, todos se prepararam corajosamente para resistir ao inimigo. E' interessante ler os detalhes d'esses preparativos na correspondencia de Henrique Corrêa da Silva, então governador do Algarve, que se encontra conservada em um dos manuscritos da Bibliotheca da Ajuda. (51. VIII. 1).

Mas Ruyter o que tentou, afinal, foi outra operação mais fructuosa com certeza do que a occupação do Algarve: atacou, nos dias 4 e 5 de novembro, a armada de commercio que regressava do Brazil. Dos 40 navios que constituam essa armada, 15 foram apprehendidos pelos hollandizes. Gerard Brandt (Le sieur Michel de Ruyter, capitaine du hollandais, Am



ardam, Blaeu, 1698, folio), que é o biographo mais bem informado, e a que temos recorrido para alguns pormenores d'este artigo, indica o numero das tomadas sob reserva. Por nossa parte cremos que os navios portuguezes capturados foram effectivamente 15 n'esta occasião e 21 em outras. E' o que lemos n'uma nota enviada de Cadiz por um dos varios emissarios pagos pelo excellente serviço do estrangeiro. A mesma nota, que se encontra tambem em um manuscrito da Bibliotheca Real da Ajuda (51. VIII. 16, f. 374) annunciava, além d'isso, desde 18 de novembro, que a Hollanda, desendo socorrer a Dinamarca, ia mandar regressar a sua esquadra, o que de facto aconteceu em dezembro de 1657.

A memoria d'esta campanha não se deliu facilmente no espirito dos portuguezes, como se reconhece pelo facto de, em 25 de agosto de 1661, o Algarve aprestar-se de novo a acautelar a sua defeza á simples noticia de que Ruyter se encontrava nas suas

pragens. (Bibl. R. da Ajuda, ms. 51. VIII. 1, f. 207). Era, porém, uma ociosa medida de prudencia da parte do governador do Algarve, porque alguns dias antes (6 de agosto de 1661) tinha já sido assignado um tratado de paz entre Portugal e a Hollanda.

Depois de numerosas campanhas, Ruyter achou uma morte gloriosa, em 22 de abril de 1676, no combate naval que deu á frota franceza de Du Quesne, no Mediterraneo. Recebeu ahi uma ferida, da qual morreu sete dias depois, em 29 de abril.

Ficou d'elle a justa fama de ter sido um marinheiro habil, um soldado valente e um patriota modelo. Todo o mundo póde e deve, pois, associar-se ás festas celebradas em homenagem a Ruyter, porque esse homem glorioso foi d'aquelles que não honram apenas o seu paiz, mas a humanidade inteira.

CARDOZO DE BETHENCOURT.

FIGURAS E FACTOS

Tina di Lorenzo



A INAUGURAÇÃO DA PLACA COMMEMORATIVA DA SUA VISITA A LISBOA, NO THEATRO D. AMELIA

(Cliché de Benoit)





Dize-me por onde andas...

te-hei os pés que tens. Ha pésinhos minúsculos que parece terem sido feitos para só poisarem em flores. Não o disse João de Deus?

Ah! não ser eu o marmore que pisas.....
Calçava-te de beijos!

COMO esse folião esturdió que se ia casar com uma senhora duas vezes mais velha que elle e declarava simplesmente que a sua

Isto que o grande lyrico exprimia de uma maneira tão terna e tão apaixonada pensam-o a cada passo os namorados, que devem ter pelos calceteiros uma grande consideração e um requinte de carinho. Elles são os precusores: não ha bota afambrada do Coimbra que resista a um mosaico mal preparado e mal disposto. Os nossos pés estão assim á mercê de suas excellencias; e parece que suas excellencias teem tão extremo cuidado no seu trabalho que de longes terras os veem procurar a Lisboa.

principal preocupação era verificar os dotes e não as datas, assim nós, diante d'estes modestos funcionarios municipaes todo o dia curvados para a terra, desde o romper d'alva até que o sol se esconde, não procuraremos investigar a technica do seu trabalho. Elle representa para nós mais que a obra material de um artifice vulgar, — a arte de dispôr as ruas e os passeios da cidade de modo a não prejudicar os pequeninos pés das lisboetas que os pisam.

Dize-me por onde andas, dir-



Carreando pedra



Refrescando

como ainda não ha muito aconteceu com o empreiteiro geral das novas avenidas do Rio de Janeiro, que levou d'aquí um bando dos mais afamados calceteiros.

A mulher de Lisboa calça, de ordinario, muito bem; e não ha, em todo o paiz, terra que fabrique melhor calçado feminino. É uma industria quasi etherea, em que parecem poisar mãos afiladas de patricias, rematada sempre com uma leveza e uma elegancia petronianas. E' vê-la, n'um dia de chuva, com a saia arregaçada por é-



Um oibeiro das obras

na do artelho, atravessando as
mas, lepida como uma radiosa
luno, mal pisando o asphalto. A
ota reveste, então, uma solemni-
dade quasi sagrada. E' o seu luxo
saximo, quando bem cingida á



xe para a sua clientella o celebre
auctor do *Genio do Christianismo* é
muito pittoresca. Conversando um
dia com um collega perguntou-lhe
quaes eram os seus principaes fre-
guezes, os de grande pòlpa. O ou-
tro disse o nome de dois ou tres
condes, outros tantos marquezes. E
acrescentou negligentemente:

—O sr. visconde de Chateau-
briand...

Pâques interrompeu o logo.

—Compro-lhe esse...

—O visconde de...



O calcetamento por turnos

—Compro-lh'o, já lhe disse, e
pago á vista. Quanto quer pelo sr.
de Chateaubriand?

—Trinta francos.

Foi negocio concluido. No dia
seguinte o mestre apresentava-se
com os seus apetrechos em casa do

Um grupo de calceteiros

perna torneada, em pellica de lus-
tino, em verniz ou em delicado
e flexivel *chagrin*. Diz o dictado
que pelo dedo se conhece o gi-
gante; pois é pela bota que se co-
nhece a lisboeta. Como seriam curio-
sas, para o estudo do pé alfaci-
nha, as memorias de um calceteiro
amavel! Mesmo porque esse genero
de litteratura é o que revela mais
verdade de documentação.

Não ha barbeiros que teem escri-
pto as suas Memorias? Conhecem
as do Figaro que teve a honra de
barbear Chateaubriand? Chamava-se
Pâques. A maneira como elle trou-



Britando a pedra



Preparativos para o trabalho

celebre escriptor, que barbeou até á sua morte e cuja agonia elle descreve com um certo orgulho piedoso. «Eu fui no cortejo entre os seus amigos mais intimos. Depois da absolvição recebi o hyssope das mãos de Alexandre Dumas e passei-o a Béranger, que me seguia chorando.»

Com Jules Janin foi mestre Pâ-



A escoita da pedra

sa tão a miudo ao alcance do seu olhar, esse pobre olhar que tantos supplicios soffre. Mas devem consolar-se; porque esse mal o soffre tambem muita gente boa.



Outro grupo de calceteiros

ques menos feliz. Pediu-lhe um dia um autographo. O famoso chronista que estava farto da tagarellice do Figaro pegou na penna e escreveu na primeira pagina do album:

M. Pâques a rasé Chateaubriand.
Il en taserá bien d'autres.

Mestre Pâques ficou radiante. Não percebeu a malicia da phrase. *Rasé* não significava, n'aquelle caso, *barbear*, mas *importunar*. Um dos seus amigos desilludiu-o.



Assentando a calçada

O CARNAVAL EM LOURENÇO MARQUES



CARRO DA ESRIMA



CARRO DA NAUTICA



CARRO DA BANDA INFERNAL



O CORTEJO NA AVENIDA AGUIAR



CARRO DA GYMNASTICA



CARRO DO SPORT CLUB



CARRO DE COMBATE



OUTRO CARRO DE COMBATE

(Clichés de Henrique de Carvalho)

O Sport Club Portuguez de Lourenço Marques promoveu este anno varias festas carnavalescas, entre as quaes deve salientar-se uma exposição de cacos velhos e um cortejo, que se realisou na terça feira gorda.

Reproduzimos hoje os principaes aspectos das festas, pela demora inevitavel do correio na recepção dos respectivos clichés, que nos foram enviados de Lourenço Marques.

FIGURAS E FACTOS



Uma scena da revista *O' da guarda*, em scena no theatro do Principe Real

Passeio velocipedico a Cascaes, dedicado ao proprietario das casas *Simplex*

A procissão de Penitencia em Alcoentre

A commissão que foi ao Paço entregar a mensagem pedindo a El-Rei o perdão dos marinheiros

A GREVE NAS ESCOLAS



«Que dirá a imprensa?»



O sr. conde de Monsaraz
no meio de um
grupo de estudantes



«Os jornaes estão comnosco!»



o sr. Avelino
Cáto, à
esq. e
deite



A comissão académica do Porto na estação
velha de Coimbra



o sr. de direito
Ag. Ennes Ulrich
conversando
com um estudante



O quintanista Mario
Monteiro
despedindo-se do seu
collega Quartin,
que regressa a Lisboa



O capitão Aguiar, commissario
de policia de Coimbra



Lyceu Central de Coimbra
Curso do 4.º anno — Curso do 5.º anno (1905-1906)
(Clichés da Photographia União, de Coimbra)



o seu commercio paralyssado, toda a vida quente e effusiva, tão pittoresca e tão imprevista, cortada pela reti-

rada brusca de toda a academia. Acabaram-se os descantes por noites estrelladas, os longos collo-



A esta hora, todo o paiz escolar repousa. A greve de Coimbra, a que se seguiu, n'um movimento de espontanea solidariedade, a greve das escolas de Lisboa e Porto, foi jurada pelo governo, que encerrou todos os estabelecimentos de ensino,— obrigando os estudantes a fèrias cuja duração não é facil prevêr. Abandonadas as republicas, Coimbra recêe na mesma monotona tranquillidade dos burgos mortos, com as suas tricanas desoladas, o seu choupal silencioso, a sua Alta recolhida a uma paz medieval,

Universidade de Coimbra: Curso de philosophia (Cliché da Photographia União, Coimbra).—Estudantes do lyceu de Coimbra.—O estudante Fernando d'Oliveira, ferido no conflicto do dia 10, em Coimbra.—Polícia de Coimbra: no centro o agente que feriu o estudante Fernando d'Oliveira.—Nos arcos de S. Bento



À Porta Ferrã: «A Academia não entra!»—Republica de estudantes: 1.º plano, srs. Bissaia Barreto, José Montez, Carneiro Franco, Carlos Olavo.—2.º plano: Justino Cardozo, Monteiro Araujo, Antonio Granjo, Carlos Amaro, Feio Azevedo, Alberto Xavier, Pires da Rocha (Photographia Gonçalves, Coimbra). O estudante Gyrao saindo da aula—Estudantes da Universidade: Curso de mechanica. 3.º anno de mathematica (Photographia União, Coimbra).



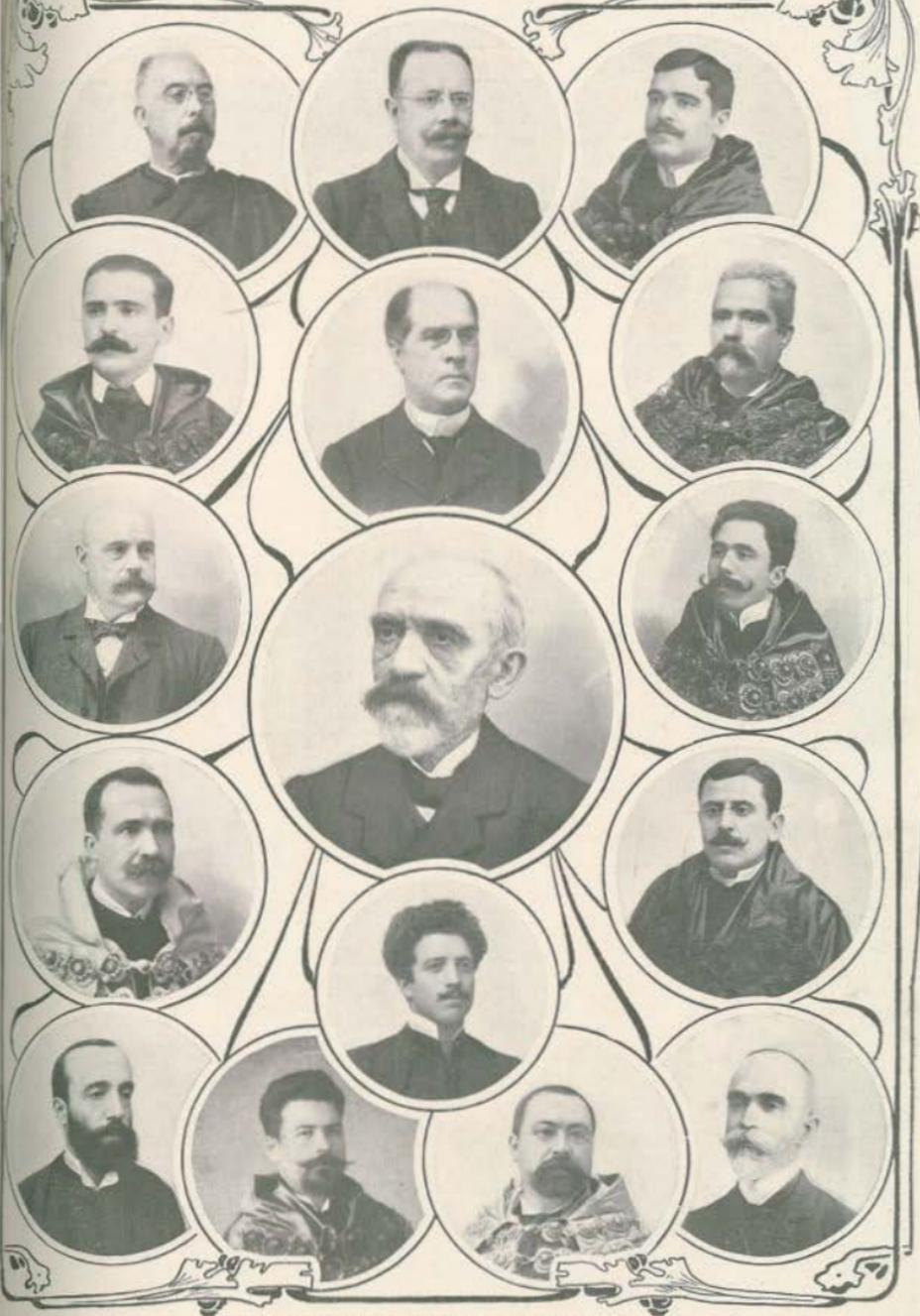
O curso do 5.º anno de direito (1906-1907)

(Cliché da Photographia Conimbricense).



L5
L6
 A Porta Ferras—Ao centro o filho do sr. presidente do conselho, Frederico Franco, que adheriu á grêve
 —Os estudantes de direito: srs. Luciano Henriques, Gonçalves Preto, expulso por um anno, e Jacintho Freitas (Clichê de Benoliel)
 —Gonçalves, de Coimbra.—Refractários á photographia!—A cavallaria contendo os estudantes do lyceu, nos Arcos do Jardim,
 no dia 10 de abril—(Clichê de Benoliel, enviado especial da Illustração Portugueza a Coimbra)

REITOR E GRUPO DE LENTES



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Dr. Aveino Callixto, lente de direito—Dr. Couto Rodrigues, lente de mathematica—Dr. Jose Alberto Jos Reis, lente de direito
 —Dr. Machado Villela, lente de direito—Dr. Bernardo Madureira, lente de theologia—
 Dr. Raymundo da Motta, lente de medicina—Dr. Filomeno da Camara, lente de medicina—Dr. Santos Viegas, reitor
 —Dr. Angelo Fonseca, lente de medicina—Dr. Arzilla Fonseca, lente de mathematica—Dr. Eugenio Tamagnini,
 lente de philosophia—Dr. Pedro Martins, lente de direito—Dr. Luiz Santos Viegas, lente de medicina—Dr. Teixeira d'Abreu,
 lente de direito—Dr. Sousa Gomes, lente de philosophia—Dr. Bernardino Machado, lente de philosophia

(Clichés das photographias Conimbricense, Gonçalves, Tinoco e União, de Coimbra)



perde n'este momento a sua
estroina e aventureira, porque
elles para lá foram este anno
innocentes não vieram de lá com esta
extravagancia que a musa do poe-
lhes attribue.

quios amorosos, os idyllios ternos, as
aventuras galhofeiras.

A cantiga popular:

O' Coimbra, ô Coimbra
Que fazes aos estudantes?
Vão p'ra lá tão innocentes
Veem de lá extravagantes!



Republica de estudantes: Pinho Ferreira (condemnado), Monteiro Araujo, Ramada Curto, Carlos Amaro, Carneiro Franco, Campos Cardozo, José Montez. (Cliché da Photographia Gonçalves, Coimbra).—Almoço offerecido aos representantes dos jões de Lisboa pelos quintanistas Trindade Coelho e Madeira Pinto, na sua republica elegante.

O quintanista Trindade Coelho no seu gabinete de estudo.—O quintanista Madeira Pinto.—Republica de estudantes: 1.º plano José Gabriel Pinto Coelho. Utra, Azevedo Souto. — 2.º plano: Leite Ribeiro, Correia Mendes, Frederico Franco Castello Branco Machado, Camara Reis, Mendes Correia, Antonio Vianna. (Cliché da Photographia Gonçalves, Coimbra).

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a **500 réis**, broches a **800 réis**, brincos a **4\$000 réis** o par. Lindos collares de perolas a **4\$000 réis**. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

Não confundir a nossa casa

Companhia de Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianina e Sobrecirino (Chomar), Benedo e Casal d'Herminio (Louza), Valle Mayor (Albergaria a Velha.)

Lisboa - 270, Rua da Princesa, 276
Porto - 49, Rua de Passos Manuel, 51

EXIBIÇÕES TELEGRÁFICAS: Lisboa, Companhia Prado
Prado - Porto - Lisboa - NÚMERO TELEFÓNICO: 508

Bicyclettes,

MACHINAS FALLANTES e DISCOS DE MARCA SIMPLEX, o melhor que ha e por preços sem competencia. Bicyclettes das celebres marcas:

IMPLEX, B. S. A.,

ALLRIGHT, LINON e

IMPERIAL. Accessorios

para bicyclettes e motocy-

clettes. Grande deposito

das melhores machinas fall-

antes e dos celebres disc-

cos de marca **SIMPLEX,**

os melhores que ha. Tudo

novidades. Variadissimo

repertorio de musica e can-

to das maiores celebra-

ções artisticas. **Preços excepcionaes para a Africa, Bra-**

sil e colonias. Pedir catalogos de bicyclettes, machinas fallan-

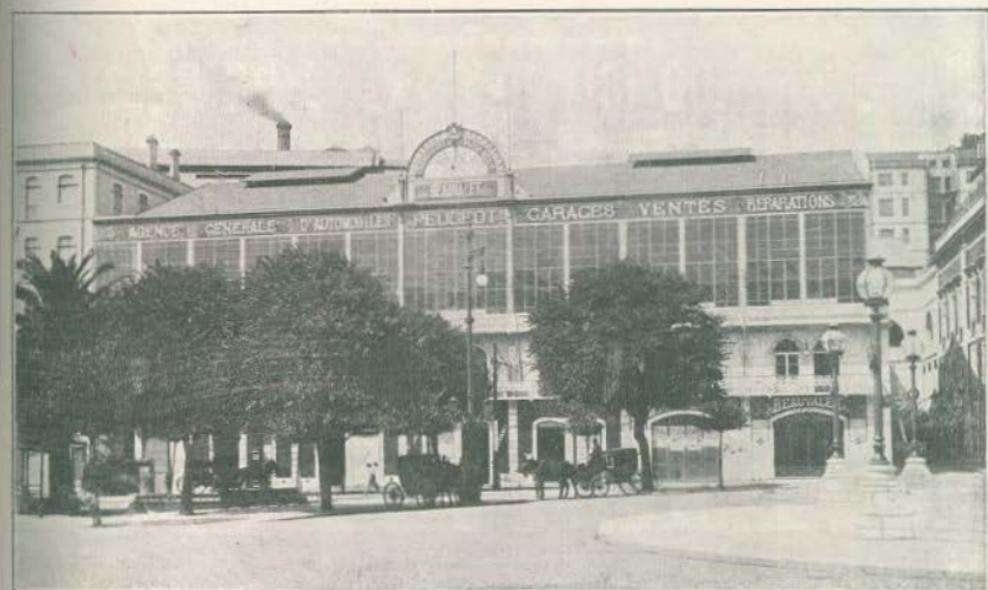
tes e discos a **J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro,**

48, e Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 - LISBOA



PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES - FORNECEDORES da CASA REAL

A mais importante casa de automoveis em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.^a Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

Agente em Paris: Camille Lipman, 26, Rue Vignon

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro



Sociedade de seguros mutuos sobre a Vida

Séde social: RIO DE JANEIRO — Filial em Portugal: Largo do Camões, 11, 1.º - Lisboa

A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

Já é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados. A Directoria local resolve sobre todos os assumptos, inclusive a aprovação de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

DIRECTORIA DA FILIAL

Presidente: Conselheiro Julio Marques de Vilhena, governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado honorario.

Vice-presidente: Conselheiro Dr. M. A. Moreira Junior, Ministro de Estado honorario e lente da Escola Medica.

Director consultor: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torres, Advogado.

Director medico: Dr. Henrique Jardim de Vilhena.

Gerente: M. A. de Pinho e Silva.

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro

Doações de creanças

Unicamente adoptado pela 'EQUITATIVA'

de 1 aos 15 annos

Nos sorteios de abril e outubro de 1905, abril de 1906 e abril de 1907 foram contempladas as seguintes applicações, recebendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:

20180 — D. Amelia Marques da Costa Barros, Porto.....	1:000\$000	20613 — M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho, Lisboa.....	1:000\$000
20070 — Dr. João Maria da Costa, Alpiarça.....	1:000\$000	21539 — José Antonio Rodrigues, Bombarral.....	1:000\$000
20291 — Lino Joaquim de Almeida Aguiar, Lisboa.....	1:000\$000	22050 — João Garcia Augusto, Estremoz.....	1:000\$000
20899 — José João Telhada, Santarem.....	1:000\$000	20508 — José Francisco Enxuto Junior, Caldas da Rainha	1:000\$000
20318 — D. Maria da Silva Catharino, Alpiarça.....	1:000\$000	21956 — (provisorio) Adelino dos Santos Cera e esposa,	
20330 — Dr. Antonio Cesar Almeida Reina, Figueira da Foz	1:000\$000	Cantanhede.....	1:000\$000
20755 — José Fernandes Rodrigues, Lisboa.....	1:000\$000	22173 — Joaquim Paulo Marques, Alcaçovas.....	1:000\$000
20851 — Abilio de Mattos, Ponte de Lima.....	1:000\$000	21508 — Manuel Lopes Varella, Aviz.....	1:000\$000

Serão attendidos todos os pedidos de tabeellas de premios-prospectos e outras informações que forem dirigidas á

Filial d'A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º - LISBOA